**ARQUITETURA E URBANISMO: SEU ENSINO NO BRASIL**

Maria José Gomes Feitosa

 CAUSP

**RESUMO**

O ensino de Arquitetura e Urbanismo no Brasil foi baseado em experiências estrangeiras, mas no século XX, a Arquitetura se separou da Escola de Engenharia, criando o seu próprio caminho.

Foi discutido, testado diversos métodos e muitas experiências foram implementadas, visando um rumo seguro. Mostrou que através do projeto, a obra construída pode ir além, contendo técnica e estética.

O momento atual do ensino da Arquitetura e Urbanismo é discutível. Há muitas lacunas e uma reflexão nos mostra que precisa ser revisto.

**SUAS ORIGENS**

Remonta de séculos passados na Europa, a relação entre o Mestre e o aprendiz, que originou a formação de profissionais em Arquitetura. Era no canteiro de obras que se dava o aprendizado entre engenheiros militares, arquitetos e mestres de obras, passando da teoria à prática. Este sistema foi adotado por Portugal.

Neste sentido, um dos cursos que teve destaque, em 1594, foi o que Felipe II criou, denominando-o de “Aula de Risco do Paço da Ribeira”. As obras reais, local de aprendizado, ficaram a cargo de um Engenheiro-Mor, entretanto em 1750, assumiu esta posição o Arquiteto João Ludovici.

Ao longo dos anos foram surgindo várias Escolas de Arquitetura e Engenharia Militar. Um curso que se destacou foi o planejado em 1641 e denominado de “Aula de Artilharia e Esquadria”. Assumiu sua responsabilidade o Eng. Militar Luís Serrão Pimentel. Este profissional foi o autor do livro: “Método lusitano de desenhar as Fortificações”, que deu origem a Academia Real da Marinha. Este método foi o grande influenciador das Escolas de Engenharia portuguesas.

No Brasil, a Carta Régia de 1699 instituiu o Ensino formal de Arquitetura Militar nas capitanias hereditárias, que continham engenheiros. O 1º a ser nomeado em 1738 foi o Eng. José Fernandes Pinto Alpoim, responsável pelos cursos de Artilharia e de Fortificações.

Todos estes cursos criados foram antecedentes importantes para a Fundação da Escola Politécnica, em 1896, que veio emanar a Arquitetura e posteriormente a estruturar seu ensino no Brasil. Neste mesmo ano, também, foi fundada a Escola de Engenharia da Universidade Mackenzie. Em ambas, a influência foi estrangeira. Veio para a Engenharia Mackenzie a influência norte-americana, enquanto a Escola Politécnica da USP, seguiu o sistema germânico, devido seu primeiro Diretor, o Eng. Antonio Francisco Paula e Sousa haver estudado e se graduado em Karlsruhe, na Alemanha. (1868)

O ensino de Arquitetura no Rio de Janeiro partiu da Escola de Belas Artes e a Arquitetura Moderna se desenvolveu com uma influência marcante de “Le Corbusier”. São Paulo voltou-se para o ensino de Arquitetura como uma das especialidades da Engenharia.

O curso da Escola Politécnica visava formar o profissional denominado de engenheiro-arquiteto. Aos engenheiros civis cabia-lhes os projetos e as construções de grande porte, como pontes, viadutos, portos, aeroportos, estradas de trem e de rodagem entre outras. Aos arquitetos ficaram voltados para projetar e construir edificações.

A profissão de arquiteto ganhou força a partir de 1940, quando produziu o projeto arquitetônico e os projetos complementares para a viabilização da obra. Os órgãos de classe dos Engenheiros e Arquitetos, respectivamente, o Instituto de Engenharia e o Instituto de Arquitetos do Brasil se posicionaram para as atribuições de ambas as profissões.

Os cursos de Arquitetura e Engenharia se separaram no Rio de Janeiro, em 1945, por ocasião da criação da Faculdade Nacional de Arquitetura, da Universidade do Brasil.

Em 1947 a Faculdade de Arquitetura do Instituto Mackenzie separou-se da Engenharia, tornando-se a primeira no Estado de São Paulo. Um ano após, em 1948 foi fundada a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo por um conjunto de professores da Escola Politécnica, entre os quais se destacavam João Batista Artigas e Luís Inácio de Anhaia Melo.

Em São Paulo a profissão de engenheiro-arquiteto continuou até 1954.

**A ATUALIDADE NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI**

O Brasil com o crescimento populacional e a aprovação do Ministério da Educação fez com que o número de Escolas de Arquitetura e Urbanismo ascendesse, assustadoramente. As consequências já estão sentidas. Os cursos mais antigos com grandes estruturas de Universidades continuam com qualidade, mas os novos, precisam na sua maioria, de uma estrutura mais solida e de uma auto-reflexão.

**UMA REFLEXÃO: O ENSINO DE ARQUITETURA ATUAL**

Há duas explicações sobre a arte de ensinar na Grécia Antiga que nos dão oportunidade de refletir:

 “*Eu não posso ensinar nada a ninguém, eu posso fazê-lo pensar”*

*Sócrates*

 *“ Interrogar é ensinar”*

 *Xenofonte*

Pensando no ensino de Arquitetura e Urbanismo nos vem a indagação: que tipo de ensino para os futuros arquitetos está ocorrendo, atualmente no Brasil ? Por que a Arquitetura Brasileira não é mais um dos ícones mundial ?

Sabemos que há uma complexidade na Economia e o mundo passa por uma globalização, mas nada disso se justifica a haver um conteúdo de ensino de arquitetura, que não seja consistente e com profundidade.

Por que muitos cursos continuam ou se iniciam com muitas horas obrigatórias, segundo a Portaria nº 1770/MEC – Ofício nº 237/94 e outros, cumprem apenas a quantidade mínima de 3600 horas ? O conteúdo mínimo do curso de Arquitetura e Urbanismo está dividido em 3 partes inter-dependentes (Artigo 2º) e está constituído de matérias de fundamentação, profissionais e do Trabalho final de Graduação.

Apesar da área de Arquitetura e Urbanismo desde 2006 contar com uma resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE) que fixa os conteúdos básicos para orientar a construção dos projetos pedagógicos dos cursos e ter tido o acompanhamento da Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo (ABEA) para sua elaboração, o ensino de Arquitetura e Urbanismo não é homogêneo para todos os cursos no Brasil.

Ou avaliamos o perfil do profissional para atender as necessidades da realidade brasileira do século XXI ou continuaremos a repetir a condução inicial do ensino de Arquitetura no Brasil, inspirada na Academia Francesa do século XVII. São alguns séculos que nos separam e nada re-criamos ?

Outra questão é a arte de ensinar propriamente dita. Será que todos os professores de Arquitetura estão preparados , não somente para fornecer conhecimentos, mas para provocar um diálogo com os alunos e fazê-los pensar, indo além do seu próprio pensamento ?

Onde está a pesquisa na maioria dos cursos de instituições privadas ? O crescimento anda sempre em paralelo à novas indagações, que são alimentadas através das pesquisas entre professores e alunos.

Os cursos de pós-graduação se proliferaram em nosso país. Ajudaram e muito no crescimento dos docentes, mas não é somente isto, o primordial. Precisa haver o rebatimento do conteúdo adquirido ao aluno. Se cada professor souber transmitir do seu próprio interior, o conhecimento e a experiência que possui, provocará no aluno mais tarde, ser um profissional consciente e responsável, integrado as necessidades do país e do mundo.

Um curso de Arquitetura e Urbanismo é teórico e prático, não privilegiando exclusivamente uma das modalidades para a formação do arquiteto. É papel do MEC cobrar, sistematicamente, dos cursos de Arquitetura e Urbanismo um determinado patamar, mas seria necessário para a melhoria dos mesmos, que esta cobrança fosse ainda maior.

De que forma um curso com pouquíssimos laboratórios para as disciplinas técnicas, com ausência de canteiro de obras para um aprendizado mais eficaz, com parca biblioteca e sem atualização poderá levar condições para que os alunos tenham um grande conteúdo teórico e prática profissional, quando forem arquitetos e urbanistas ?

Ensino, pesquisa e extensão caminham juntos. A extensão não é simplesmente um rótulo para a aproximação com a sociedade ou para aprofundamento de conteúdos não ensinados e discutidos em sala de aula ou ainda cumprir exclusivamente as solicitações do MEC. Vão além. É querer formar profissionais de gabarito, é ter conscientização, é querer servir a sociedade brasileira.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É importante haver cursos de Arquitetura, que formem profissionais gabaritados e não ter um maior número de Escolas de Arquitetura com cursos simplificados, disciplinas ensinadas com um conteúdo mínimo e futuros arquitetos incipientes.

Buscamos um ensino de qualidade, que reflita na população brasileira, não somente condições satisfatórias habitacionais , ambientais ou sociais entre outras, mas que seja fruto de um trabalho consistente e eficaz, promovendo resultados positivos e de superação das falhas existentes.